

# MPB E CINEMA NO BRASIL: UM CASO DE AMOR

Fred Góes

É forte o caso de amor da música popular com o cinema brasileiro, um caso especial, singular. Pode-se, por essa vista, perceber com muita clareza a fisionomia da nossa cultura musical. Antes de mais nada, vale lembrar que, no Brasil, houve uma forte tradição de teatro de revista, que se inicia na segunda metade do século XIX e chega ao início dos anos sessenta do século XX. Até a fixação do rádio entre nós (anos 1930) e da programação em auditório – forma encontrada pelo novo meio de comunicação para estabelecer a relação ao vivo entre as estrelas e seu público – o grande canal de divulgação da música popular era o teatro de revista.

Contemporâneo do rádio, no Brasil, na conquista das plateias, o cinema desde sua pré-história esteve sempre associado à música, entre nós. Estamos chamando de pré-história experiências como *Paz e amor* (1910), filme escrito por José do Patrocínio Filho, dirigido e fotografado por Alberto Botelho, com música do maestro Costa Júnior. Na década seguinte, início dos anos 1920, Francisco de Almeida Fleming faz o que ele chamou de América Cine Phonema, pequenos filmes baseados em canções populares da época. Outro realizador importante dessa fase é Paulo Benedetti. Foi ele quem deu ensejo à única aparição de Noel Rosa em cinema.

Com o advento do som gravado na própria película, Adhemar Gonzaga (criador da Cinédia) adquire equipamento especializado nos EUA. Um ano antes, porém, em 1932, Humberto Mauro já havia rodado uma das obras-primas da nossa cinematografia, *Ganga Bruta*, cujo acompanhamento musical foi realizado com discos, tendo no repertório desde canções de Villa-Lobos até o grande sucesso daquele momento, “Taí”, na voz de Carmen Miranda.

Algum tempo depois, o mesmo Humberto Mauro começa a trabalhar com Carmem Santos e filma *Cidade mulher e Favela dos meus amo-*

res. Este filme perdeu-se, já que não se conseguiu recuperar qualquer cópia. O tema do compositor popular, nunca reconhecido, viria a ser abordado em outros filmes. A perda se torna ainda mais penosa quando se sabe que o trabalho de Mauro contou com a colaboração de grandes compositores como Ari Barroso e Sílvio Caldas, sendo que este encenava como cantor. O outro filme, *Cidade mulher*, era um “filme-revista” com música de Noel Rosa.

Segundo Alex Viany<sup>1</sup>, a partir de 1936, quando Humberto Mauro, aceitando convite de Roquette Pinto, vai trabalhar no Instituto Nacional do Cinema Educativo, começa a preparar as “brasilianas”, pequenos filmes com base em temas musicais populares – *Casinha pequenina; Chuá, Chuá; A velha e a roca*. Além desses filmes, com a colaboração do irmão caçula José Mauro, diretor musical de rádio, realizou uma série de documentários sobre compositores brasileiros, como Nepomuceno e Lorenzo Fernandes. Destaca-se também o filme *O descobrimento do Brasil* (1936-37), realizado pela dupla Humberto Mauro e Villa-Lobos, por encomenda do Instituto do Cacau da Bahia.

Sublinhamos, no entanto, como filme musical marcante em termos de popularidade, *Alô, Alô, Carnaval*, realização de Adhemar Gonzaga (1937), eternizado pelo número em que as irmãs Miranda (Carmen e Aurora), vestidas de fraque e cartola, cantam a famosa marchinha de Lamartine Babo “Cantoras do rádio”, tendo ao fundo um grande cenário de J. Carlos. Mais uma vez segundo Alex Viany<sup>2</sup>, o filme é absolutamente tropicalista – foi como o qualificou Viany naqueles meados dos anos setenta.

É ainda a Cinédia de Adhemar Gonzaga quem produz filmes como *Bonequinha de seda* (estrelado por Gilda de Abreu) e *O ébrio* (protagonizado por Vicente Celestino).

Curioso observar que nesse período dos anos 1930, que corresponde historicamente ao auge do nacionalismo estadonovista, a música do cinema nacional era arranjada majoritariamente por italianos ou descendentes de italianos. São maestros de formação musical acadêmica que transitam tanto na música erudita quanto na popular, sem preconceito, que trabalharam intensamente no rádio e, posteriormente, nos primeiros tempos da televisão, como Radamés Gnattali. A Atlântida era

domínio de Lírio Panicalli; Enrico Simonetti atendia ao mercado paulista. Ao voltar para Itália, tornou-se popularíssimo. Há também, Leo Perachi, Remo Usai, Gabriel Migliori, Francisco Mignone, Alexandre Gnatalli, Camargo Guarnieri e Claudio Santoro. Trabalharam ainda no cinema os maestros Guerra Peixe, Edino Krieger e Luiz Cosme, e hoje muita gente esperta e bacana toca essa banda<sup>3</sup>.

O segmento denominado “chanchada” é, sem dúvida, o espaço da grande aliança entre a música popular e o cinema. As chanchadas da Atlântida divulgavam as músicas que seriam os sucessos no próximo carnaval. Nesse período, fazia-se distinção entre a música de meio e a de fim de ano. A primeira compreendia as canções românticas e os sambas canção abolerados, característicos de então. Cantavam-se também versões dos sucessos estrangeiros. As músicas de fim de ano eram os sambas e marchinhas de carnaval que as chanchadas veiculavam com grande eficiência. Os filmes eram, geralmente, comédias ligeiras em que brilhavam comediantes como Oscarito, Grande Otelo, Zé Trindade, Ankito, José Lewgoy, Wilson Grey (os dois últimos, impreterivelmente, no papel de vilões), Zezé Macedo, Dercy Gonçalves, Violeta Ferraz, Alda Garrido. Como galãs absolutos, liam-se nos cartazes os nomes de Cill Farney e Anselmo Duarte e das mocinhas Eliana e Adelaide Chiozzo. Como diretores destacaram-se Lulu de Barros, Watson Macedo, José Carlos Burle e Carlos Manga. Entre uma cena e outra, muitas vezes sem nenhuma razão aparente, surgiam na tela, para delírio da plateia que se manifestava como se as estrelas estivessem ao vivo, os reis e rainhas da voz defendendo seus sucessos. Na tela, brilhavam as irmãs Batista, Linda e Dircinha; Emilinha e Marlene; Ângela e Dalva; Carmélia Alves; Jorge Goulart; Jorge Veiga; Carlos Galhardo; Ivon Cury; Francisco Carlos, entre outros<sup>4</sup>.

Os anos 1950 ficaram conhecidos como “anos dourados” muito provavelmente em virtude da efetiva prosperidade experimentada pelo país, sobretudo entre os anos de 1957-60, período que compreende o governo de Juscelino Kubitschek, em que o crescimento médio do produto interno bruto (PIB) chegou aos 7,7% por ano. Essa prosperidade não se limitou ao campo econômico. A cultura viveu tempos de experimentação vanguardista, principalmente na arquitetura, nas artes plásticas, na música e na poesia concreta severamente sofisticada.

Em outubro de 1955, o filme *Sementes da violência* é exibido no Rio e em São Paulo, mostrando para os jovens atônitos daqui mais do que um drama juvenil do Norte, uma música infernal, incontrollável. No ano seguinte, a Columbia Pictures lança o primeiro musical de rock, o filme *O balanço das horas* [*Rock around the clock*]. Lá estavam todas as estrelas daquele ritmo novo, como Bill Haley, Little Richard, The Platters que, junto com Elvis Presley, revolucionavam o conceito de música entre os jovens. Quando o filme foi exibido em São Paulo, a moçada não se segurou nas cadeiras. As moças gritavam, todo mundo dançava. Houve até um início de quebra-quebra. A coisa tomou tal proporção que o então governador do estado, Jânio Quadros, resolveu intervir. Determinou que o filme fosse proibido para menores de 18 anos em virtude da excitação estimulada pelo ritmo divulgado no filme<sup>5</sup>.

O final dos anos 1950 e meados dos 60 corresponde ao período de decadência da chanchada. Isso não significa, no entanto, que a relação música/cinema no Brasil tenha esfriado. Ao contrário, é nesse momento, quando surge uma proposta renovadora nas artes brasileiras, que o cinema e a música se destacam pela revitalização. O filme de Nelson Pereira dos Santos, *Rio 40 graus* (1955), é considerado o passo inicial do movimento que, posteriormente, seria batizado de Cinema Novo, e o lançamento do disco de João Gilberto, *Chega de saudade* (1958), marca o início da Bossa Nova. Foi em 1956, no bar Villarino, que o jornalista Lúcio Rangel promoveu o encontro do poeta Vinícius de Moraes e do maestro Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, o Tom, que viria a se tornar a mais célebre parceira da música popular brasileira contemporânea. O encontro tinha por objetivo a produção das canções para o espetáculo musical *Orfeu da Conceição*, cujo libreto em versos o poeta-diplomata já trouxera pronto de Paris. A adaptação do texto teatral para o cinema, intitulada *Orfeu do Carnaval*, foi feita pelo diretor francês Marcel Camus. Além de canções de Vinícius e Tom, incluiu outras, da parceria Luís Bonfá e Antônio Maria. Diga-se de passagem, o filme tornou-se um grande divulgador da música brasileira que se produzia naquele momento. As canções *Manhã de Carnaval* e *Samba de Orfeu*, da dupla Bonfá-Maria passaram a ser cantadas e executadas pelo mundo todo.<sup>6</sup>

Curioso que a Bossa Nova, apesar do grande sucesso internacional, não tenha sido expressiva como música de cinema. No auge do Cinema Novo – e aqui tomamos como referência a produção de Glauber Rocha – a canção que expressa a filosofia glauberiana, da estética da fome, da ideia na cabeça e da câmara na mão, é a música de Sérgio Ricardo que, apesar de oriundo da Bossa Nova, se aproxima muito mais do que se denominou, posteriormente, nos festivais de música televisivos, de canção de protesto.

Paralelamente à produção de vanguarda cinemanovista, realizou-se uma série de filmes comerciais de grande sucesso, que tinha como parâmetro o que havia sido feito por Elvis Presley na década anterior, aclimatando-se as situações narrativas para três personagens que, naquele momento, abalavam os corações da juventude proletária – O Rei (Roberto Carlos), A Ternurinha (Wanderleia) e O Tremendão (Erasmão Carlos). Nos filmes do trio eram lançadas as canções dos discos por eles cantados. Talvez o grande sucesso dessa série seja *Diamante cor de rosa*, um verdadeiro estrondo de bilheteria.

Um pouco depois, em meados dos anos 1970 e início dos 80, época conhecida como a do *boom* do cinema em virtude do grande incentivo governamental com a Embrafilme, quando se realizavam produções com verbas de padrão internacional, há filmes cujas canções tornaram-se grandes sucessos do nosso cancioneiro. Alguns exemplos marcantes são *Chica da Silva*, filme de Cacá Diegues com música de Jorge Benjor; “O que será?”, música de Chico Buarque para o filme *Dona Flor e seus dois maridos*, de Bruno Barreto; “Luz do sol”, de Caetano Veloso para o filme *Índia, a filha do Sol*, de Fábio Barreto; “Jubiabá”, canção de Gilberto Gil para o filme homônimo de Nelson Pereira dos Santos. Destaca-se também o longa de Jom Tobi Azulay, *Doces Bárbaros*, de 1977 – filmagem da excursão de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Gal Costa e Gilberto Gil, estupidamente interrompida por acusação de que haveria drogas entre os componentes do grupo. Tudo cuidadosamente documentado por Jom Azulay.

Parece-nos que não há exemplos mais evidentes da parceria do cinema com a música, entre nós, que o filme realizado pelo compositor Caetano Veloso, *Cinema falado*, na condição de diretor, e também, da

série de filmes de Cacá Diegues, desenvolvidos a partir de músicas de sucesso, denominada *Veja essa canção*, em que o diretor compõe as imagens e reatualiza o que havia sido feito, na década de 1920, por Francisco de Almeida Fleming.

Em 1994, pioneira da nova onda de documentários sobre MPB, Helena Solberg, em parceria com David Meyer, lança um misto de documentário e ficção da biografia da Pequena Notável, a Brazilian Bomshell, a miúda portuguesa, Carmen Miranda, de guardar na memória da pupila.

No período do final do século XX, entrada do século XXI, é escandalosa a relação do cinema com a música popular. Produzem-se filmes de ficção de extraordinário sucesso como *Cazuza: O tempo não para*, lançado em 2004, com direção de Sandra Werneck e Walter Carvalho; *2 Filhos de Francisco: História de Zezé Di Camargo e Luciano*, lançado em 2005, com direção de Breno Silveira. Como também o primeiro longa-metragem sobre o compositor Noel Rosa, *Noel: Poeta da Vila*, baseado na biografia de Máximo e Didier e dirigido por Ricardo van Steen, com estréia em 2006. Interessante é que, antes desse filme, outros, de curta e média-metragem, foram realizados tendo o compositor como tema central. O próprio Ricardo Van Steen, realizador de *Noel: Poeta da Vila*, dirigiu um curta-metragem, *Com que roupa?* (1997), com Cacá Carvalho no papel de Noel Rosa. Rogério Sganzerla (1946-2004), um dos principais nomes do mal chamado Cinema Marginal, era fascinado pela vida e obra de Noel, planejava fazer o seu próprio longa-metragem. O projeto acabou não vingando, mas durante essa espera, realizou dois documentários: um de curta-metragem, *Noel por Noel* (1978), e um de média-metragem, *Isto é Noel Rosa* (1991). Outro destaque desse momento, em termos de ficção, foi *Elza – O filme*, de Elizabete Martins Campos (2009), que retrata a vida da cantora Elza Soares. E, no momento em que retomamos este texto, Breno Silveira está em fase de pré-produção do longa cujo tema é a relação de Luiz Gonzaga e seu filho Gonzaguinha, com o título provisório *Gonzaga de pai para filho*.

Vibra nas caixas deste início de milênio a forma sistemática como a música popular ganha o lugar de estrela central, protagonista da cena cinematográfica, especialmente nos documentários. Isso revela cintilan-

temente que nossa canção, não faz muito tempo inferiorizada, alça-se à categoria de expressão cultural de relevância na revelação de nossa identidade, de como expressamos pertencimento, brasilidade.

Sem preocupação obcecada com cronologia ou de dar conta de tudo que se vem realizando nesse início de século, computamos algumas dezenas de filmes em que, sob perspectivas, focos, pontos de vista diversificadíssimos, aspectos, personalidades, momentos, fatos relacionados com a música popular são eleitos para estrelar o enredo. Não assistimos a todas as produções mencionadas, portanto, muitas vezes é impossível trazer maiores informações. Na rede, pescamos uns *releases* que ajudaram a poder comentar volta e meia. Importante deixar claro que não estamos aqui considerando o vasto número de séries televisivas ficcionais ou documentais veiculado nos últimos anos pelas redes de TV, como também não relacionamos DVDs, clipes e congêneres.

O carnaval, que estrelava as chanchadas, não é assunto recorrente dos documentários contemporâneos, a não ser quando se trata do universo mais geral do samba – este, sim, dono da bola, ou melhor, do rolo. No entanto, há que se destacar *Carnaval, bexiga, funk e sombrinha* de Marcus Vinícius Faustini. Em 2006, foi lançado esse documentário que retrata o universo das singularidades dos “bate-bola” ou cloves, associações carnavalescas características das zonas Oeste e Norte do Rio de Janeiro. O trabalho mereceu menção honrosa na 11ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico. É relevante nele a constatação de que, diferentemente das outras agremiações carnavalescas cariocas, a música que agrega os bate-bola ou os cloves de lança ou de sombrinha é o funk. Significativo é também ressaltar como é vigorosa a presença do funk nas comunidades que têm as Escolas de Samba como elemento agregador e principal instância de lazer. No documentário *Jorjão* (nome de famoso mestre de bateria de escola de samba), de Paulo Tiefertaler (2005), pode-se confirmar o vigor, a potência da batida do funk nas comunidades do samba, de forma especial quando o tema tratado é a introdução da famosa batida na bateria da Escola de Samba Viradouro, no ano de 1997. Foi um verdadeiro escândalo à época – e quem fala aqui é a voz da testemunha ocular. O universo em que o funk está contextualizado é o do hip-hop, tema central de *A palavra que me leva além: histórias do hip-hop carioca*,

de 2000, produzido pelo Núcleo de Antropologia e Imagem da UERJ (Emílio Domingos), que, mais uma vez, reforça a importância desse segmento na cultura carioca. Ainda é o funk o foco principal do documentário sobre a polêmica cantora(?)/MC(?) Tati Quebra Barraco, intitulado *Sou feia mas tô na moda* (2005). Denise Garcia põe em relevo o universo dos bailes em diferentes comunidades onde Tati se apresenta. Sobre o contexto do hip-hop destaca-se também *Minha área* (2006), dirigido por Emílio Domingos, dedicado aos MCs de rap do Rio de Janeiro. Nesse documentário é posto em foco o rap como ofício. O bairro como fonte de inspiração para dois jovens compositores, a vida de MC e o contexto social e cultural onde vivem. É relevante igualmente o tratamento dado à língua do rap e sua influência, gerando uma nova forma de compor. Ainda sobre o tema, Emílio Domingos e Marcus Vinícius Faustini se associam na direção de *Cante um funk para um filme* (2007), cujo foco são os funkeiros da cidade de Nova Iguaçu, na periferia do Rio de Janeiro. E também Cavi Borges e Emílio Domingos mergulham sem filtros no universo do hip-hop carioca. Isso ocorre em *L.A.P.A.*, documentário de longa metragem sobre a lida dos MCs que buscam sobreviver no nosso país através da música. Transportando para a tela o outro lado do rap, os diretores de *L.A.P.A.* nos mostram que, se à noite os MCs animam as rodas e batalhas de rap do bairro carioca da Lapa, durante o dia suas batalhas continuam em outros palcos. Marcelo D2, BNegão, Black Alien, Chapadão, Funkero, Marechal, Aori, Iky, Macarrão e outros personagens do rap carioca cantam e contam suas histórias e levam a Lapa para além de suas fronteiras geográficas. *L.A.P.A.* vai de Niterói ao Irajá, vai da memória clássica do bairro, com seus sambistas e boêmios, até as festas de rap como Zoeira e Batalhas do Real. Cada história pessoal cruza com a história do rap e do bairro, transformando o filme em um painel dessa cultura no Rio de Janeiro. *L.A.P.A.* consegue ser um documento sobre esse segmento da cena musical como também, por outra frente, constrói uma narrativa sobre a trajetória dos personagens que participam da cena atual. O filme não pretende contar a história do rap carioca, mas através do recorte estabelecido pelos criadores, mostra como é a vida de alguns membros deste universo. *L.A.P.A.* é a sigla do bairro, o refrão dos MCs e o filme que define um espaço e uma época na cultura carioca.



Muitas vezes dissemos que a Bahia ocupa um lugar, na nossa música popular, que se assemelha a uma espécie de Pasárgada, de terra idealizada, de paraíso. Isso fica evidente, por exemplo, na passagem das décadas de 1930 para a de 40, por conta tanto das composições de Dorival Caymmi quanto das de Ari Barroso, Assis Valente, entre outros. Nos enredos das escolas de samba cariocas é também notável esse aspecto do enaltecimento à “terra da mãe preta”, à baiana, que fora internacionalizada por Carmen Miranda. Atualmente, os documentários dão ênfase especial à pluralidade rítmica e musical da boa terra, seja pondo em relevo seus artistas, seja seus ritmos. Os filmes que enumeramos na sequência dão testemunho desse fato.

Em *Filhos de Gandhy*, Lula Buarque de Hollanda (2000) apresenta como enredo uma das mais importantes associações carnavalescas da cidade da Bahia, o venerável e tradicional afoxé da Bahia – agremiação que oferece aos seus admiradores uma das mais impactantes imagens em seu desfile, ao transformar as ruas de Salvador em um verdadeiro tapete branco, formado por centenas de homens negros em mágica evolução. Associado a Paulo Caldas, é ainda uma vez Lula Buarque de Hollanda quem dirige *Sons da Bahia* (2002), uma co-produção Conspiração Filmes/GNT GLOBOSAT. No filme, se revela a pluralidade rítmica, sonora, musical do estado brasileiro que traz no nome da baía na beira da qual se estabeleceu a primeira capital brasileira, batizada de Baía de Todos os Santos, de todas as crenças, diríamos nós.

No ano de 2002, chegam às telas duas produções da Conspiração Filmes que apresentam aspectos diferenciados da obra de um dos mais representativos artistas brasileiros, o compositor e cantor Gilberto Gil. No primeiro documentário, filmado em Kingston, Jamaica, é mostrada a relação do compositor com o ritmo local que se alicerçou em diferentes locais no Brasil como, por exemplo, no Maranhão, mas que, na Bahia, deu origem à fusão com o samba, transformando-se no samba-reggae, ritmo que se internacionalizou via Michael Jackson, Paul Simon, David Byrne. O nome do documentário é *Kaia na Jamaica*. No segundo documentário, agora sob a direção de Andrucha Waddington, o foco é a nordestinidade da música de Gil e a sua capacidade de dar cunho cosmopolita a essa vertente forrozeira que tem Luiz Gonzaga

como padrinho espiritual. O filme chama-se *Viva São João* e acompanha a excursão do artista pelos estados nordestinos.

Compositores e cantores têm sido o foco principal dos documentários contemporâneos, como já observado. Em 2000, por exemplo, *Walter Franco, muito tudo*, dirigido por Bel Bechara e Sandro Serpa, trata da vida e obra do compositor paulista que, apesar de não ter feito parte de qualquer movimento de vanguarda, esteve sempre à frente do tempo.

Precioso, em se tratando da vida e obra de um compositor, é o trabalho de Miguel Faria Jr. (2005), sobre Vinícius de Moraes, o poeta-poetinha que abriu as portas da música popular para a classe média universitária. No filme, são reunidos depoimentos comoventes de pessoas de vários segmentos que tiveram oportunidade de conviver com o poeta, como Caetano Veloso, Ferreira Gullar, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Tônia Carrero, Toquinho, Carlos Lyra, Antonio Candido, Edu Lobo, Francis Hime e Miúcha. No longa, imagens de arquivo e depoimentos são entremeados pela leitura de textos de autoria de Vinícius, lidos por Camila Morgado e Ricardo Blat. As músicas de Vinícius são interpretadas por cantores de projeção na cena musical como Adriana Calcanhoto, Olívia Byington, Zeca Pagodinho, Yamandú Costa, Renato Braz, Mônica Salmaso, Mariana de Moraes, Sergio Cassiano, MS Bom, Nego Jeif, Lerov e Mart´Nália.

O filme não se restringe a abordar a vida artística de Vinícius. Sua vida pessoal, marcada por muitas paixões, nove casamentos e amizades duradouras também é retratada por raridades em arquivos, depoimentos de amigos e familiares.

Em 2006, no filme *Cartola*, dirigido por Lírio Ferreira e Hilton Lacerda, a vida e obra do mestre dos sambas refinados, um dos criadores da Estação Primeira de Mangueira, é imortalizada no documentário.

Sempre reservada, senhora de seu ofício, diva da MPB, batizada pelo poeta Waly Salomão de “Abelha Rainha”, Maria Bethânia é o foco central de dois filmes. O primeiro é *Maria Bethânia – música e perfume*, dirigido pelo francês Georges Gachot, que investiga o processo criativo da cantora e busca mapear a formação da música popular brasileira, traçando um paralelo entre a vida de Bethânia e as transformações socioculturais desde o seu surgimento no show *Opinião* em 1965. O se-

gundo filme é *Bethânia – pedrinha de Aruanda*, dirigido por Andrucha Waddington (2007). O documentário oferece aos espectadores a possibilidade de vivenciar raros momentos do cotidiano da cantora, como uma conversa em torno da mesa de almoço familiar, na casa materna, em Santo Amaro da Purificação.

No ano de 2008, vieram a público algumas produções bastante interessantes, como *O mistério do samba: Velha Guarda da Portela*, dirigido por Carolina Jabor e Lula Buarque de Hollanda, que levou 10 anos para se tornar realidade e contou com Marisa Monte como pesquisadora e condutora da cena. O parceiro mais recorrente de Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito, foi o personagem central do documentário homônimo, dirigido por André Sampaio.

No mesmo ano, com grande sucesso de público, foi lançado *Coração vagabundo – Caetano Veloso*. O filme se destaca de forma especial pela complexidade da produção, uma vez que é apresentada a intimidade do cantor/compositor durante a turnê internacional do álbum *A Foreign Sounds*, captada entre 2003 e 2005. Durante o período, o cantor se separou de Paula Lavigne, participou de filme do cineasta espanhol Pedro Almodóvar (*Fale com ela*), cantou nos Estados Unidos, no Japão. No documentário, Caetano é apresentado pleno. Opina sobre tudo: religião, política, música, antropologia etc. Os cortes giram em torno das opiniões do músico colhidas pelo diretor em mais de 56 horas de filmagem.

Não é exagerado dizer que 2008 foi um ano pródigo em termos de documentários sobre aspectos e personalidades da MPB. Vicente Kubrusly dirige *Infinito ao meu redor – Marisa Monte*, um relato emocionante sobre a carreira da jovem diva da música brasileira. O filme revela preciosidades e cenas corriqueiras do dia-a-dia da cantora. Além do documentário, que apresenta quase dois anos de bastidores da turnê mundo afora, esse excelente trabalho traz os sucessos dos álbuns *Infinito particular* e *Universo ao meu redor*, em nove músicas do show, sendo três inéditas em CD.

Marcos Abujamra e João Pimentel, no mesmo ano, lançam *Jards Macalé: um morcego na porta principal*. No documentário, jogam luz sobre a trajetória nada linear de Jards Macalé, artista contestador e personagem controverso da cultura brasileira das últimas quatro décadas.

Autor de “Vapor barato”, “Movimento dos barcos”; parceiro de Waly Salomão; violonista e arranjador de Gal Costa e Caetano Veloso; ator e autor de trilhas de Nelson Pereira dos Santos. Mas, antes de tudo, o “maldito” que sonha em ver a palavra amor na bandeira do Brasil.

E não só o segmento MPB foi objeto de interesse dos documentaristas brasileiros. Em 2008, foi lançado *Guibable – A verdadeira história dos Ratos de Porão*, dirigido por Marcelo Apezarzo e Paula Belchior. O filme tem como tema a banda de *hardcore* nacional e de grande renome internacional. Música sem frescuras e sem muita técnica, crua, brutal, é apresentada nesse documentário que reúne também entrevistas e histórias contadas e gravadas naturalmente. Estão registrados desde ambientes como estúdios e as próprias casas dos artistas, até os bons e velhos botecos da cidade de São Paulo.

*Ninguém sabe o duro que dei: Wilson Simonal*, dirigido por Claudio Manuel, Micael Langer e Calvito Leal (2009) é um filme comovente. Tem o raro mérito de passar a limpo a trajetória do ex-cabo do exército Wilson Simonal, que se tornou cantor de grande sucesso nos anos 1960. Lançado por Carlos Imperial, Simonal vendeu milhões de discos e lotou estádios em seus shows até ser condenado ao ostracismo devido à acusação de que era informante da ditadura militar, o que sempre negou.

Um dos assuntos que vimos tratando com grande frequência em palestras, aulas e afins, no âmbito acadêmico, é a questão do texto poético da canção e suas especificidades quando se procura estabelecer um paralelo com o texto poético tradicionalmente considerado literário, publicado em livros. De grande importância para o debate é o documentário de Helena Solberg, lançado em 2009, intitulado *Palavra (em) cantada*. A importância do filme reside exatamente no fato de valorizar a poética da canção, em nosso país cuja tradição oral é fortíssima e onde, ainda hoje, o número de analfabetos funcionais é notável. Some-se a isso o fato de se defender a tese de que, por via da poética da canção, chega-se ao poema literário, uma vez que, os versos das canções têm grande representatividade cultural entre nós.

Dois anos depois de muita pesquisa e filmagem de entrevistas, entre maio e junho de 2007, o filme veio à tela. A maioria das entrevistas foi realizada em casa e alguns dos mais expressivos representantes da

MPB cantaram e tocaram canções especialmente para o documentário, fato que realça a atmosfera intimista do longa-metragem. Poetas-letristas, autores de livros que se tornaram compositores, poetas que tentam usar a música para ganhar mais dinheiro, poetas do morro, tudo isso é assunto de *Palavra (en)cantada*. O filme é costurado por passagens instigantes, como a declarada rejeição de Chico Buarque ao título de poeta, e emocionantes, como as imagens captadas de Hilda Hilst pouco antes da sua morte, reclamando que os poetas não são valorizados no Brasil e contando que, para ganhar mais dinheiro, pediu para Zeca Baleiro musicar seus poemas.

Parece que, quanto mais vamos nos aproximando da década de 2010, maior é o volume das produções sobre música. Se muitas vezes a produção tem perspectiva regionalista, local, por outras, o objetivo é apresentar o caráter globalizante da MPB. Veja-se, por exemplo, o documentário musical *Beyond Ipanema – Ondas brasileiras na música global* (2009), direção de Guto Barra e Beco Dranoff.

*Beyond Ipanema* trata do ciclo de redescobrimto da música brasileira no mercado internacional. Por meio de entrevistas com David Byrne, Gilberto Gil, Devendra Banhart, M.I.A., Os Mutantes, Caetano Veloso, Tom Zé, Seu Jorge, Bebel Gilberto, Milton Nascimento e outros, o filme analisa a experiência musical brasileira fora do país. Artistas, produtores, DJs e críticos discutem como a mistura de estilos, os *samples* e a globalização ajudaram o Brasil a garantir um lugar de destaque na cultura musical global.

Tatiana Issa e Raphael Alvarez trazem para o grande público o documentário *Dzi Croquettes*, sobre um grupo de artistas, bailarinos, atores, capitaneados pelo bailarino e coreógrafo americano Lane Dale, que, entre outras contribuições à cultura contemporânea brasileira, foi o criador da dança da Bossa Nova, ao fundir o samba com o jazz.

O filme resgata a trajetória do grupo que se tornou símbolo da contracultura ao confrontar a ditadura militar, usando a ironia e a inteligência. Os espetáculos revolucionaram os palcos com homens de barba e pernas cabeludas, que contrastavam com sapatos de salto alto e roupas femininas. O grupo se tornou um enorme mito na cena teatral brasileira e parisiense, nos anos 1970.

Outro artista cuja participação no cenário musical brasileiro tem grande importância é Arnaldo Baptista, um dos integrantes do trio Os Mutantes, que, como membro do grupo, teve papel decisivo na fusão do rock com a MPB, a princípio desesperando os puristas que consideravam uma excrescência a presença de guitarras elétricas em arranjos de música brasileira. O mérito do filme, além de documentar a trajetória artística de Arnaldo, é, de certa forma, desmitificar a loucura como tabu de discussão. Pelo contrário, o nome do documentário é *Loki* e o diretor, Paulo Henrique Fontenelle, não estabelece qualquer tipo de censura aos depoimentos com as pessoas que conviveram com Arnaldo, tampouco se utiliza de qualquer tipo de sensacionalismo na abordagem do tema.

Muitos compositores, especialmente os letristas, têm suas obras conhecidas pelo público, mas eles mesmos não são reconhecidos. Quem se enquadra neste perfil, por exemplo, é o misto de compositor e cientista Paulo Vanzolini, autor de páginas do cancionário como “Ronda” e “Volta por cima” (“Levanta, sacode a poeira e dá volta por cima”). Vanzolini, ou Vanzola, como o chamam os íntimos, é o protagonista do documentário *Um homem de moral*, dirigido por Ricardo Dias (2009), que divaga sobre a personalidade do zoólogo de renome internacional e compositor paulistano.

A safra de 2010 é bastante rica. A série de filmes aqui enumerada não nos deixa mentir. Nana Caymmi foi escolhida agora como tema para o documentário do francês Georges Gachot, intitulado *Nana Caymmi em Rio Sonata*, que homenageia a cantora de voz ímpar, colocando-a em seu devido lugar no cenário musical brasileiro a partir de depoimentos de colegas e de trechos de entrevistas com a própria protagonista.

De 2010 é também o filme de Henrique Dantas sobre a vida comunitária intensa (música e futebol) dos Novos Baianos em *Os filhos de João, o admirável mundo Novo Baiano*. Acompanhamos de perto os onze anos de obstinação desse jovem diretor baiano que enfrentou todo tipo de dificuldade para levar à tela uma das mais curiosas, renovadoras e instigantes histórias da MPB. O filme leve, divertido, alto astral, comunga com o espírito daqueles jovens músicos que enfrentaram a ditadura, a censura e a repressão com as armas do desbunde. A princí-

pio, reforçaram a ala dos que traziam o sotaque rock para a MPB, como Os Mutantes, por exemplo, e, na sequência, sob a orientação de João Gilberto, caíram de boca na tradição, reformularam a formação musical do regional e apresentaram, para as novíssimas gerações, compositores do quilate de Assis Valente. Valorizaram a brasilidade de forma bem diversa da imposta pelos governos militares nas nefastas aulas de moral e cívica, cuja sonoridade recaía, impreterivelmente, no nauseante “Eu te amo, meu Brasil/ Eu te amo”.

Passar a limpo a vida pessoal, a relação com o pai, por meio de um documentário não é tarefa nada fácil. De forma especial quando esse pai é um verdadeiro ícone da música popular e que, mais uma vez, é um compositor cuja obra todo mundo conhece, sem conhecer o autor. Estamos nos referindo a Humberto Teixeira, parceiro de Luiz Gonzaga em “Asa Branca” e em inúmeros outros grandes sucessos da MPB. Foi um dos principais responsáveis pela nacionalização das sonoridades nordestinas, especialmente do baião. Advogado, político, Teixeira foi uma figura polêmica. Sua trajetória artística e pessoal é retratada de maneira objetiva, sem perder a delicadeza, por sua filha Denise Dummond, em *O homem que engarrafava nuvens – Humberto Teixeira*, com direção de Lírio Ferreira.

*Uma noite em 67* (2010) mostra a histórica e polêmica noite final do Festival de Música da TV Record de 1967. Renato Terra e Ricardo Calil conseguem criar, com depoimentos e imagens de arquivo, um documentário dinâmico. A data precisa da final do III Festival da Música Popular Brasileira da TV Record é 21 de outubro de 1967. Entre os candidatos que disputavam os principais prêmios figuravam Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil com Os Mutantes, Roberto Carlos, Edu Lobo e Sérgio Ricardo, protagonista da célebre cena da viola quebrada no palco e lançada para a platéia, depois das vaias para “Beto Bom de Bola”. Nas imagens de arquivo, revivem-se as apresentações de músicas como “Roda viva”, “Alegria Alegria”, “Domingo no parque” e “Ponteio”. O filme registra o momento inaugural do Tropicalismo, os rachas artísticos e políticos na época da ditadura e a consagração de nomes que se tornaram ídolos até hoje no cenário musical brasileiro.

*Noitada de samba: O foco de resistência*, dirigido por Cély Leal (2010), apresenta o famoso Teatro Opinião, de Copacabana, como foco de resistência política e cultural, reunindo frequentemente compositores e intérpretes dos morros e da periferia. O filme conta a história da formação de A Noitada de Samba, que, em 1971, em plena ditadura militar, era alvo de preocupação do poder constituído, já que, era pela música, pelos versos das canções que as pessoas expressavam a desilusão de parte significativa dos músicos e artistas da MPB. As estratégias utilizadas para driblar a censura estão também registradas.

Renan Abreu e Marco Keppler (2010) apresentam a magnífica e incomparável figura de um dos mais caracteristicamente paulistas compositores brasileiros, Adoniran Barbosa em *Adoniran: ainda tenho muita brasa*. Na década de 1950, a contribuição de Adoniran Barbosa para o cancionário é única. Ele transcreve para os versos da canção a fala estropiada, ítalo-caipira (o tal português macarrônico) do proletariado paulistano descendente de italianos. O compositor amplia, populariza o que Alcântara Machado propusera, ao retratar esse segmento da sociedade no livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927). Adoniran, na música popular, tal qual Alcântara Machado e Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (Juó Bananére, 1892-1933) na literatura, reinventa situações tão poéticas quanto patéticas vividas pelos “paulistalianos” do povo. O lirismo tragicômico ímpar se apresenta pleno em suas canções.

Em comemoração aos 100 anos de nascimento do poeta da Vila Isabel, um outro documentário traz como tema central a vida e obra de Noel Rosa (2010). Dirigido por Dacio Malta, *Noel Rosa – O poeta da Vila e do povo* apresenta em cinco momentos cerca de 50 sambas de Noel interpretados por Aracy de Almeida, Marília Batista, Silvio Caldas, Braguinha, Chico Buarque, Zeca Pagodinho, Caetano Veloso e outros; e entrevistas com artistas, pesquisadores e estudiosos da sua obra.

A Rádio Nacional foi, entre as décadas de 1930 e 60, o mais prestigioso espaço da música popular. Por seus microfones, desfilarão as estrelas de primeira grandeza de nossa música. Com o advento da televisão e com a censura dos anos de chumbo da ditadura militar, houve uma vertiginosa decadência.



O documentário *Rádio Nacional*, dirigido por Paulo Roscio (2011), procura registrar a memória dos anos dourados da emissora para que as novas gerações possam conhecer o que foi o período glorioso da nossa música popular.

A produção do filme durou seis anos, incluindo pesquisa, entrevistas, obtenção de autorizações e edição. Cada um dos entrevistados demonstrou prazer e emoção ao reviver as histórias e lembrar curiosidades da rádio e programas como *Repórter Esso*, *PRK-30*, *César de Alencar*, *Paulo Gracindo* e *Balança mas não cai*, ou as radionovelas *O direito de nascer* e *Jerônimo, o herói do sertão*. O locutor Cid Moreira e o jornalista esportivo Luiz Mendes falam com admiração de Heron Domingues, a voz do *Repórter Esso*, que ia ao ar quatro vezes ao dia. Já Chico Anysio e Paulo Silvino destacam o humor na programação da rádio que lhes deu o primeiro emprego. É o que nos informa o release.

O prestígio da Rádio Nacional veio, sem dúvida, dos programas musicais de auditório, com a presença de orquestras e dos maiores cantores da época, e das radionovelas, ao vivo, às quais os artistas se dedicavam das 8 da manhã até a meia-noite. Marlene emocionada ao lembrar seu título de Rainha do Rádio de 1949 até hoje questionado pelos fãs de Emilinha Borba; Cauby Peixoto confessando os exageros consagrados por César de Alencar; Daisy Lúcidí até hoje no ar com seu “Alô, Daisy!”; e Gerdal dos Santos, com mais de 60 anos de carreira e ainda no ar na Rádio Nacional, revelando os segredos dos estúdios – esses e outros depoimentos reunidos no filme são exemplos que demonstram toda importância e influência de tal veículo de comunicação de massa na cultura nacional até os dias de hoje.

*Rádio Nacional* contou também com a análise de profissionais do meio radiofônico, como Cristiano Menezes, jornalista e atual responsável pelas rádios da EBC no Rio de Janeiro, e Luiz Carlos Saroldi, figura emblemática do setor, que faleceu antes da finalização do filme. Mas foi “Seu Djalma”, funcionário da manutenção da rádio desde 1950, quem indicou um dos melhores depoimentos: o de Roberto Carlos, que antes de alcançar a majestade também passou pelos programas de auditório. Contatado, o Rei fez questão de dar seu depoimento sobre a Rádio Nacional e os cinco minutos solicitados transformaram-se em uma tarde na disputada agenda do artista.

A publicidade não ficou de fora do documentário. No filme, o publicitário Lula Vieira relembra os anos heróicos da propaganda ao vivo e *cases* como o da Coca-Cola, que foi lançada com exclusividade pelas ondas da Nacional. Um fato curioso ocorreu no início da década de 1950, quando Ademir Menezes, o Queixada, jogador do Vasco e da Seleção Brasileira, venceu o concurso de melhor jogador pelo programa “Mundo da Bola”, com oito milhões de envelopes do analgésico Melhoral, patrocinador do programa. O atacante somou mais que o dobro dos votos que conduziram Getúlio Vargas a assumir a Presidência da República em 1950!

O ano de 2011 foi também marcado pelo lançamento de *Rock Brasília – Era de Ouro*, dirigido por Vladimir Carvalho. Ganhador do prêmio de melhor documentário no início do ano no Festival de Paulínia, abriu o Festival de Brasília, em setembro. O documentário apresenta a construção cultural e ideológica da Capital Federal em busca de um lugar de destaque no cenário nacional na década de 1980. Foi nessa época que surgiram grupos como Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, desempenhando o papel de heróis da história ao superar os empecilhos e conquistar o grande desafio do reconhecimento. O filme conta com imagens do arquivo do diretor gravadas desde 1980 e também com entrevistas com Renato Russo, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá – do Legião Urbana –, Dinho Ouro Preto, Fê e Flávio Lemos – do Capital Inicial – e Philippe Seabra, do Plebe Rude, além de Herbert Vianna, do Paralamas do Sucesso, e Caetano Veloso.

Outro filme que foca um aspecto do universo do rock brasileiro é o que destaca a figura de Raul Seixas, *Raul – O início, o fim e o meio*, dirigido por Walter Carvalho também em 2011. O documentário é sobre a vida e a obra de um dos maiores ícones do rock brasileiro, desvendando suas diversas facetas, suas parcerias com Paulo Coelho, seus casamentos e seus fãs, que ele continua a mobilizar 20 anos depois de sua morte.

*Daquele instante em diante – Itamar Assumpção* (2011) leva para a telona a vida do Nego Dito, Itamar Assumpção, compositor, cantor e instrumentista paulista. Dirigido por Rogério Velloso, o documentário traz um precioso garimpo de imagens raras, obtidas em acervos e arquivos particulares da família e de amigos do músico.

Em *As canções* (2011), de Eduardo Coutinho, em um único cenário – uma cadeira e uma sala escura – o diretor entrevista pessoas comuns que compartilham alguma história pessoal e cantam um trecho de música que marcou suas vidas. O resultado é um belíssimo filme sobre o amor, este sentimento tão abstrato quanto a música.

O filme foi o vencedor do prêmio de melhor documentário no Festival do Rio. *As canções* reúne 18 depoimentos de desconhecidos que encontramos no dia-a-dia e revela como cada pessoa possui uma história forte, um dramalhão mexicano, uma história de amor, ora com final feliz, ora triste. Coutinho revela como a música popular no Brasil marca o calendário afetivo da maioria das pessoas.

Os depoimentos são tão sinceros, tão profundos que é possível viajar junto e imaginar cada cena. Trata-se, de certa forma, de uma sessão de psicanálise, em que os entrevistados vão ao fundo de sua alma e utilizam a música como veículo. Basta ver cada choro ou verificar o olhar de satisfação após cantarolar uma música especial para notar que um peso do passado foi, de alguma maneira, retirado do peito.

Finalmente, vale mencionar *A comunidade chegou*, dirigido por Pedro Caldas (2011). O filme tem como tema O Pagode da 27, do bairro do Grajaú, que transformou uma das ruas mais perigosas da Zona Sul de São Paulo em um quintal com roda de samba e espaço de lazer para a criançada. Esse filme e um CD são os primeiros a documentarem essa história bem-sucedida.

Como já foi informado, *Gonzaga de pai para filho* (título provisório), de Breno da Silveira (previsto para 2012), já encontra-se neste momento em pleno andamento. Fica patente, pelo que se pode aquilatar com essa breve pesquisa, que a música popular, segmento considerado, por longo período da nossa história cultural, como de “segunda classe”, ganha na atualidade lugar de destaque como referente da pluralidade de nossa cultura.

## Notas

<sup>1</sup> VIANY, Alex. Cinema e cultura brasileira. *Revista Cultura*, MEC: Brasília, ano 6, n.24, jan/mar 1977. p. 92-96.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>3</sup> Cf. ANTUNES, Jorge de Freitas. Nosso cinema e nossa música. In: *Cinema Brasileiro: 8 Estudos*. Rio de Janeiro: MEC; EMBRAFILME; FUNARTE, 1980. p.153-171.

<sup>4</sup> Cf. LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico do seu tempo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

<sup>5</sup> Ver GÓES, Fred. Do Concretismo ao rock. In: *Anais da VI Jornada Nacional de Literatura*. Passo Fundo: Ediupf, 1977. p.130-42.

<sup>6</sup> Cf. CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

*Resumo*

O presente artigo tem como propósito apresentar um panorama da relação do cinema brasileiro com a música popular, dando relevo especial à produção recente de filmes documentários que têm como tema central personalidades, momentos, aspectos históricos relevantes e fatos relacionados com a música popular eleitos para estrelar os enredos.

*Palavras-chave*

Cinema brasileiro; cinema documentário; música popular; cultura brasileira.

*Recebido para publicação em*  
22/04/2011

*Abstract*

The proposal of this essay is to present a panorama of the strong relationship between Brazilian cinema and popular music. A special emphasis is given to the recent production of documentary films that have as main theme personalities, historical aspects, important moments and facts related to Brazilian popular music.

*Keywords*

Brazilian cinema; documentary film; popular music; Brazilian culture.

*Aceito em*  
03/06/2011